

**O LIVRO DA VIDA DE CRISTO DE LUDOLFO
DE SAXÔNIA E OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS
DE INÁCIO DE LOYOLA***

Álvaro Barreiro SJ

RESUMO: Apresentamos neste artigo alguns dados sobre o autor do livro *Vida de Cristo*, o contexto histórico e eclesial em que foi escrito, o gênero literário e os destinatários. Comentamos também sua extraordinária difusão e os frutos produzidos. O número de edições, desde a primeira, em 1472, até as feitas no fim do século XIX, foi calculado em 420. Com o título: "O livro da *Vita Christi* em linguagem português", o livro do Cartusiano, impresso em Lisboa em 1495, foi o primeiro livro impresso na língua portuguesa; e levado pelos navegantes portugueses, chegou até a Índia, no Oriente, e até o Brasil, no Ocidente. No fim do artigo fazemos algumas reflexões sobre as semelhanças e diferenças do volumoso livro da *Vida de Cristo* e o pequeno livro dos *Exercícios Espirituais*. Inácio de Loyola fez, por meio da leitura orante, contemplativa e refletida do livro de Ludolfo de Saxônia, a experiência de encontro pessoal com Deus Pai, com a pessoa e a missão de Jesus Cristo, e a experiência de deixar-se conduzir pelo Espírito. Depois de convertido, Inácio de Loyola se sentiu movido a ajudar outras pessoas a fazerem também uma experiência de encontro pessoal com Deus.

* O conteúdo deste artigo é fundamentalmente o do Capítulo 2 de um estudo mais amplo sobre o lugar, a riqueza e os frutos da contemplação dos mistérios da vida de Cristo nos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. O objetivo do estudo é mostrar, à luz da história, da metodologia e da teologia dos mistérios da vida de Cristo, a importância e a atualidade do tema no mundo de hoje.

Os dados apresentados no artigo mostram a riqueza e os frutos, nos nossos dias, do livro escrito faz mais de seis séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Vida de Cristo, Diversas formas de oração, Experiência de encontro com Deus, Itinerário espiritual, Apostolado.

ABSTRACT: This article presents some data about *Vita Christi's* author and the historical and ecclesial context in which it was written, its genre and addressees. It also comments on its extraordinary diffusion and its fruits. Since its first edition in 1472 until the end of 19th century it had about 420 editions. With the title: "Vita Christ's book in Portuguese language", the Cartusian book, printed in Lisbon in 1495, was the first book printed in Portuguese; it was taken by Portuguese sailors and arrived in India, in the East, and in Brazil in the West. In the final part I present some reflections on the common elements and differences between *Vita Christi's* large book and *Spiritual Exercises'* small book. Ignatius of Loyola wrote, through a praying, contemplating and reflecting reading of Ludolf of Saxony's book, an experience of personal encounter with God the Father, with the person and mission of Jesus Christ, and the experience of being taken by the Spirit. After his conversion, Ignatius of Loyola felt moved to help other people to make an experience of personal encounter with God too. The data presented in the article show nowadays the richness and fruits of this book written many centuries ago.

KEY-WORDS: Christ's life, Several ways of prayer, Experience of encounter with God, Spiritual Journey, Apostolate.

O título resume o conteúdo do artigo, que é apresentado em cinco partes. Na primeira, apresentamos alguns dados sobre o autor da *Vida de Cristo* e sobre o contexto histórico, cultural e eclesial em que o livro foi escrito. Na segunda, damos algumas informações sobre o gênero literário, o conteúdo e os leitores da obra. Na terceira, explicitamos seu conteúdo cristológico. Na quarta, apresentamos alguns dados sobre a grande difusão e influência do livro. Na última parte, fazemos algumas considerações sobre as semelhanças e diferenças entre o longo livro da *Vida de Cristo*, escrito pelo Cartusiano, e o pequeno texto dos *Exercícios Espirituais*, escrito por Inácio de Loyola.

1. O autor e o contexto histórico e eclesial da Vita Christi

Os dados históricos de que dispomos sobre a vida de Ludolfo de Saxônia são relativamente poucos. Nascido no norte da Alemanha, em algum lugar da Saxônia, provavelmente em 1300¹. Entrou muito jovem, ao redor do ano

¹ Alguns autores situam o seu nascimento por volta de 1295. Quanto ao nome do autor, além de *Ludolphus*, encontramos *Rudolfus*, *Landolphus*, *Lentolphus*, *Lutoldus*, *Litoldus*.

de 1315, na Ordem dos Dominicanos. Em 1339 passou para a Ordem dos Cartuxos e no ano seguinte fez, em Estrasburgo, sua profissão como monge. Em 1343 foi nomeado Prior do mosteiro de Coblença. Cinco anos depois, desejando viver uma vida mais dedicada à prática da piedade, demitiu-se do cargo de Prior e foi para o mosteiro cartuxo de Mogúncia. De lá voltou de novo para Estrasburgo, onde fizera sua profissão, onde viveu até a morte, ocorrida no dia 10 de abril de 1378.

O autor da *Vita Christi* (citada, doravante, com a abreviatura VC) viveu no século em que os papas residiam em Avinhão. O desmoronamento do poder pontifício começou depois da morte de Bonifácio VIII (1303)². A residência dos papas no “exílio babilônico” de Avinhão, sob o poder político dos reis da França, começou em 1309, com Clemente V, e terminou em 1377, com a volta de Gregório XI para Roma, onde morreu no ano seguinte, 15 dias antes da morte do Cartusiano.

Além de sofrer as conseqüências de um papado político e mundano, o povo cristão do século XIV teve de carregar o fardo dos sofrimentos trazidos pelas guerras, pela fome e por outros males, como a terrível “peste negra”, que em cinco anos, de 1347 a 1352, dizimou um terço da população. Essa situação de sofrimento e de abandono teve, paradoxalmente, efeitos positivos, como a tomada de consciência por parte dos cristãos leigos de seus direitos e de suas responsabilidades, e o desejo do povo cristão de uma formação espiritual mais profunda e de uma fé vivida de maneira mais pessoal e mais afetiva. O sofrimento, a insegurança e o medo, causados pelas guerras, pela fome e pelas doenças, suscitaram no povo cristão novas formas de compreender e de viver a fé e novas expressões da piedade. Esse mesmo contexto foi, por outro lado, o caldo de cultura de um subjetivismo exacerbado, de erros teológicos graves e da proliferação de fenômenos religiosos sem controle, como visões, êxtases e estigmas, e também do surgimento de grupos apocalípticos e de movimentos mais ou menos independentes da Igreja, como os kokardos, as beguinas e os fraticelli.

A resposta da Igreja a esses desafios e ao desejo de uma piedade mais autêntica e mais pessoal por parte do povo cristão foi dada pelos místicos e pelos escritores espirituais, que reagiram à especulação vazia da escolástica decadente com uma nova “linguagem espiritual”, e responderam à aridez

O autor da *Vita Christi* é denominado também com os sobrenomes: “de Saxônia”, *natione teutonicus*, *alemanus*, *almanus*, por causa da sua origem; ou *Cartusianus*, por ter vivido a maior parte da sua vida como cartuxo.

² W. BAIER, no seu estudo *Untersuchungen zu den Passionsbetrachtungen in de Vita Christi des Ludolf von Sachsen. Ein quellenkritischer Beitrag zu Leben und Werke Ludolfs und zur Geschichte der Passionstheologie* (Coll. Analecta Cartusiana, 44/1-3), Salzburg, 1977, pp. 13-21, apresenta uma descrição condensada, mas muito bem documentada, desse contexto. Dessas páginas tiramos a maior parte dos dados sobre o contexto histórico apresentados aqui.

e ao vazio do nominalismo com a “formação do coração”. “Face ao pensamento sistemático-metafísico dos tratados teológicos da época – mesmo os elaborados por grandes teólogos como Anselmo, P. Lombardo, Tomás de Aquino, Boaventura, Duns Scoto, Ockham, para citar só alguns dentre os mais importantes – a piedade popular e a espiritualidade, mais particularmente a *Devotio moderna*, se concentram na vida de Jesus, tomando como ponto de partida a humanidade histórica de Cristo para desenvolver, a partir dela, seu significado histórico-salvífico”³.

São Bernardo, com sua teologia da “apropriação prática e da realização orante”⁴, foi “o gênio religioso” que marcou a mística alemã⁵. Enquanto Eckhart (+1328), na sua especulação sobre o Logos, quase perde de vista o Cristo histórico e não põe a Escritura no centro⁶, Taulero (+1361) e Henrique Suso (+1366), buscam e encontram respostas para os fiéis sobre os problemas do seu tempo e sobre o sofrimento no mundo e na Igreja partindo da vida de Jesus⁷. “Os ‘místicos’ alemães do século XIV são teólogos ativos na ação pastoral”⁸.

Reagindo contra uma espiritualidade formal, esses teólogos acentuam a relação pessoal com Deus; sem esquecer, porém, a importância da mediação eclesial da graça e sem se opor direta e conscientemente à hierarquia eclesiástica. Acentuam “a essência e a vida interior, dogmático-mística da Igreja sem querer mexer nas estruturas e ordem hierárquicas, que eram para eles, como fundação de Cristo, sagradas”⁹. Sua crítica às situações calamitosas vividas pela Igreja na época brotava do seu amor à Igreja¹⁰.

A *VC* foi escrita e divulgada nesse contexto político, cultural e eclesial. Ela não é uma *Summa theologica*, mas é uma *Summa evangelica*. Subjacente à longa explanação dos mistérios da vida de Cristo há, com efeito, uma teologia muito rica – bem fundamentada nos escritos dos Santos Padres e de autores medievais – e também muito fecunda da história da salvação.

³ Cf. R. GARCÍA MATEO, “La ‘Vita Christi’ de Ludolfo de Sajonia y los misterios de Cristo en los Ejercicios ignacianos”, *Gregorianum* 81 (2000) 287-307; citação na p. 289.

⁴ E. ISERLOH, “Die deutsche Mystik”, in *Handbuch der Kirchengeschichte*, Freiburg / Basel / Wien: Herder, 1968, v. III/2, pp. 460-479, aqui p. 463.

⁵ M. GRABMANN, *Die Kulturwerte der deutschen Mystik des Mittelalters*, Augsburg, 1923, p. 26.

⁶ Cf. E. ISERLOH, *art. cit.*, p. 469.

⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 469-472.

⁸ E. HILLENBRAND, *Nikolaus v. Strassburg. Religiöse Bewegung und dominikanische Theologie im 14. Jahrhundert*, Freiburg, 1968, p. 119.

⁹ M. GRABMANN, *op. cit.*, p. 31.

¹⁰ Cf. W. BAIER, *op. cit.*, p. 17. Ver os exemplos de críticas feitas aos vícios dos clérigos e religiosos apresentados por M.I. BODENSTEDT, *The Vita Christi of Ludolphus of Saxony the Carthusian*, Washington: The Catholic University of America, 1944, pp. 111-113.

2. Destinatários, gênero literário e conteúdo da Vita Christi¹¹

A *VC* foi escrita entre 1348 e 1360. É possível, no entanto, que seu autor tenha começado a estudar o tema quando era frade dominicano. Além da *VC*, o Cartusiano escreveu um comentário sobre os Salmos e outras obras menores¹².

Os destinatários da *VC* são todos os cristãos: clérigos e leigos, prelados e monges, pertencentes às classes cultas ou ao povo simples, ricos ou pobres. Ao longo dos 181 capítulos do livro são feitas aplicações – na forma de exortações, questionamentos e críticas – à vida concreta das pessoas de todas as classes sociais e de todos os estados de vida.

O gênero literário da *VC* não é especulativo, mas é prático, pois sua finalidade é a edificação da vida espiritual. “A forma de meditar a vida de Jesus, que havia sido iniciada por Bernardo de Claraval e Boaventura, atinge na obra de Ludolfo seu ápice. O autor escolhe livremente as passagens da vida de Cristo que julga mais importantes, depurando-as de amplificações acrescentadas pelas tradições, reconduzindo-as à sua realidade objetiva e enriquecendo-as depois com explicações teológicas”¹³. Ludolfo de Saxônia foi “um dos mais apreciados mestres da contemplação cristológica na Idade Média tardia”¹⁴, e “pioneiro do processo de desenvolvimento dos métodos de espiritualidade da época moderna”¹⁵.

O Cartusiano explica no Proêmio de maneira pormenorizada qual é o objetivo de sua obra e como ela deve ser lida e meditada. Do ponto de vista do conteúdo, nem o Proêmio nem os 181 capítulos são originais. O Proêmio é quase todo ele uma compilação de outros autores¹⁶. O primeiro terço é uma reprodução quase literal da primeira parte da obra *De contemplatione* de Guigo da Ponte (+1297), obra que, na época em que foi escrita, só era conhecida na Ordem dos Cartuxos e no círculo de amigos do

¹¹ W. BAIER recolhe nas pp. 131-147 da obra citada os dados sobre o assunto que eram conhecidos até a data em que foi publicado seu estudo.

¹² Ver a apresentação e discussão pormenorizada das obras atribuídas ao Cartusiano em W. BAIER, *op. cit.*, pp. 86-150.

¹³ Cf. W. BAIER, “Ludolphe de Saxe”, in *Dictionnaire de Spiritualité*, Paris: Beauchesne, 1976, v. 9, col. 1130-1138, aqui col. 1134.

¹⁴ O. KARRER, *Die grosse Glut. Textgeschichte der Mystik im Mittelalter*, München, 1926, p. 371, citado por A. FALKNER, “Was las Íñigo de Loyola auf seinem Krankenlager? Zum Proemium der ‘Vita Jesu Christi’”, *Geist und Leben* 61 (1988) 259-264, aqui 263.

¹⁵ Citado *ibid.*

¹⁶ M.I. BODENSTEDT, no seu estudo *The Vita Christi of Ludolphus the Carthusian*, *op. cit.*, escreve neste sentido na p. 24: “This preface has unity and coherence, yet it is almost entirely compiled from other writers”.

autor. Se não tivesse sido recolhida pela VC, teria caído no esquecimento. Por meio de Inácio de Loyola e de Teresa de Ávila, cujo itinerário espiritual foi marcado pela leitura do Proêmio da VC, a influência da obra de Guigo da Ponte chegou até nós.

No Proêmio da VC foi incluído também, quase por inteiro, o Prefácio das “Meditações sobre a vida de Cristo” do pseudo-Boaventura, uma das obras mais lidas na Idade Média¹⁷. Atribuída a São Boaventura, a obra foi escrita por Giovanni de Caulibus, que se serviu para compô-la dos escritos de São Bernardo. Como diz o título, a obra valoriza a contemplação da pessoa de Cristo e de suas ações; e nos exercícios propostos para a contemplação são muito valorizados os afetos e o uso da imaginação. Esses aspectos são também muito acentuados pelo Cartusiano, não só no Proêmio, mas na obra toda. Além de recolher esses aspectos da tradição, a VC apresenta uma reflexão teológica, ao mesmo tempo profunda e didática, sobre os mistérios da vida de Cristo comentados ao longo de 181 capítulos¹⁸.

Uma das razões da extraordinária difusão da VC é seu estilo narrativo. Os capítulos, em geral bastante longos, estão estruturados segundo o método da *lectio divina*. Neles são apresentados os quatro sentidos da Escritura: literal, alegórico, moral e anagógico, como era habitual na exegese medieval. Ao prólogo, que introduz a matéria, seguem a *lectio*, a *meditatio* e a *oratio*. Nas meditações da paixão, depois da *meditatio* e antes da *oratio*, é acrescentada a *conformatio*. Algumas vezes são acrescentados epílogos para aprofundar e ampliar o tema tratado no capítulo. Em alguns capítulos há pequenos tratados teológicos que, usando a terminologia atual, podemos denominar temas de teologia ascética. Nesta linha, M. I. Bodenstedt chega a afirmar que “toda a *Vita Christi* é um livro sobre a vida ascética”¹⁹.

No fim de cada capítulo, uma oração resume o tema tratado nele. Nos capítulos dedicados aos mistérios da Paixão, além da oração final, há mais setenta orações. Com exceção de duas dúzias, todas elas são dirigidas a Cristo. Este dado revela a intimidade do autor com o Senhor. A apresentação orante dos capítulos da vida de Cristo pode ser vista como uma criação original de Ludolfo de Saxônia, pois não foram encontrados outros exemplos anteriores.

As características que acabamos de indicar, particularmente o tom afetivo e a ênfase dada à humanidade de Jesus, aparecem com especial força no

¹⁷ Cf. *ibid.*, pp. 24-25.

¹⁸ Cf. R. GARCÍA MATEO, *art. cit.*, pp. 290-291.

¹⁹ “The entire *Vita Christi* is a book on the ascetical life”. A seguir, faz estas duas afirmações: “The aim of Ludolphus is nothing else than the perfecting of the Christian life. Each chapter treats of some phase of the spiritual life, of a virtue to be practiced or a devout exercise to be performed” (M.I. BODENSTEDT, *op. cit.*, p. 113).

hino *Jesus dulcis memoria*²⁰ e na oração a Jesus com que termina o último capítulo, e que transcrevemos a seguir.

Ó bom Jesus, quão doce és no coração de quem pensa em ti e te ama. Não sei com certeza, porque não consigo compreender plenamente, como é que és mais doce no coração de quem te ama pelo fato de seres carne do que pelo fato de seres o Verbo; mais doce por seres humilde do que por seres sublime. Sim, para a recordação de quem te ama é muito mais doce ver-te nascido da Mãe virgem no tempo do que gerado pelo Pai nos esplendores dos Santos antes da estrela da manhã [...]; ver-te como Redentor dos condenados a perecer do que como Criador dos ainda não existentes²¹.

Ludolfo de Saxônia não pretende apresentar na VC doutrinas novas ou originais, mas expor a riqueza da tradição da Igreja sobre as passagens evangélicas comentadas. Ch. A. Conway estudou o uso desse método no Capítulo 91, que tem como título "Sobre a refeição de quatro mil homens"²². Apoiando-se na Tradição, o Cartusiano faz uma exegese tipológica, anagógica ou mística, moral ou tropológica do texto evangélico citando Crisóstomo, Orígenes, Ambrósio, Agostinho, Jerônimo, Gregório Magno, Rábano Mauro e Bernardo, alguns deles citados várias vezes.

Além de centenas de citações dos Santos Padres, o Cartusiano cita – indicando ou não o autor – inúmeros textos de autores medievais, como Bernardo de Claraval, Anselmo de Canterbury, Hugo de São Vítor, Rábano Mauro, Boécio etc. Não é, pois, exagerado afirmar, como é dito na apresentação da edição de 1519, que a VC foi "coletada da medula do Evangelho" e "dos autores aprovados pela Igreja" e "ilustrada com as explicações dos ilustres doutores"²³.

Os textos dos Padres e dos autores da Alta Idade Média são tirados, sobretudo, da *Catena aurea* de Santo Tomás de Aquino, mas também de Santo Anselmo de Canterbury, de São Bernardo, de Elredo de Rievaulx e de

²⁰ Esse hino, atribuído a São Bernardo, foi muito conhecido eorado nos séc. XIII-XV. Seu autor é provavelmente um anônimo cisterciense inglês de fins do séc. XII.

²¹ Transcrevemos o texto original latino: "Jesu bone, quam dulcis es in corde cogitantis de te, et diligentis te. Et certe nescio, quia nec plene comprehendere valeo, unde est hoc: quod dulcior es in corde diligentis te, in eo quod caro es, quam in eo quod Verbum; dulcior in eo quod humilis, quam in eo quod sublimis. Siquidem longe dulcius est memoriae diligentis te, videre te ex Matre Virgine in tempore partum quam in splendoribus Sanctorum ante luciferum a Patre genitum [...]; Redemptorem esse pereuntium quam Conditorum esse non existentium" (Tomus IV, Caput 89, pp. 311-312). As citações em latim estão tiradas de LUDOLPHUS DE SAXONIA, *Vita Jesu Christi ex Evangelio et approbata ab Ecclesia Catholica doctoribus sedule collecta*. Editio novissima. Curante L. M. Rigollot, T. I-IV, Parisiis / Bruxellis: E. Societate Generali Librariae Catholicae, 1878.

²² Cf. Ch.A. CONWAY JR., *The Vita Christi of Ludolph of Saxony and late medieval Devotion centred on the Incarnation: A descriptive Analysis* (Analecta Cartusiana, 34), Salzburg, 1976, pp. 50-51.

²³ Cf. Ch.A. CONWAY JR., *op. cit.*, pp. 47-48.

outros autores. Muitos textos de autores dos séculos XII, XIII e XIV, como Alberto Magno, Pedro Comestor, Henrique Suso, a *Legenda Aurea* de Jacobo de Voragine e outros, foram inseridos literalmente na VC, embora sem mencionar a fonte.

O que caracteriza a obra do Cartusiano não é a originalidade, mas é a imensa erudição. A. Wilmart chega a afirmar que na VC “está incorporada quase toda a literatura patrística”²⁴. O que seu autor pretende transmitir aos leitores, num estilo elegante e afetivo conforme ao gosto da época, é o ensinamento de Cristo, que tinha sido desenvolvido pelos Santos Padres e pelos autores posteriores. Nesta linha, G. O’Donnell descreve a VC como “uma série de meditações tomadas da Bíblia, dos Santos Padres e da liturgia, concentradas sobre a pessoa de Cristo, meditações que pretendem levar o leitor a um conhecimento mais profundo de Cristo e à imitação do seu Senhor”²⁵. Usando essa pedagogia, a pessoa de Jesus, que irradia bondade, misericórdia, doçura, exerce sobre o leitor um fascínio crescente, cativando-o sempre mais e de maneira mais profunda.

Para alcançar esse objetivo, Ludolfo de Saxônia apresenta os mistérios da vida de Cristo começando pela pré-existência do Verbo, gerado eternamente pelo Pai, e terminando com a Ascensão e a recapitulação final. “Nem antes nem depois de Ludolfo foi oferecido à meditação dos cristãos o conteúdo global do Evangelho com tal amplitude e dessa forma”²⁶. Ludolfo de Saxônia é, porém, muito consciente da riqueza inesgotável dos mistérios do Verbo encarnado. Por isso – diz ele – ainda que o mundo durasse milhões de anos, a demanda por comentários sobre as ações e as palavras de Cristo não cessaria²⁷. A riqueza da tradição recolhida pela VC explica, como veremos no quarto item, por que a obra do Cartusiano foi tão difundida e usada; e não só para a leitura pessoal, mas também como fonte teológica para o ministério da pregação²⁸.

²⁴ Cf. A. WILMART, *Revue bénédictine* 47 (1935) 268, citado por M.I. BODENSTEDT, *op. cit.*, p. 9, nota 47, e por W. BAIER, *art. cit.*, col. 1134.

²⁵ G. O’DONNELL, “Contemplation”, *The Way Supplement* 27 (1976) 27-34. Este texto se encontra na p. 28 do artigo de G. O’Donnell, e é citado na p. 72 da tese de doutorado de C.W. PIRES: *A função da Sagrada Escritura na segunda semana dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Análise hermenêutica do uso inaciano da Bíblia*. Manuscrito da tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1981.

²⁶ W. BAIER, *art. cit.*, col. 1134.

²⁷ “Facta enim et verba Christi non sunt hominis tantum... nunquam ad plenum elucidarentur” (VC II, 83, 744b), citado por M.I. BODENSTEDT, *op. cit.*, p. 100, nota 37.

²⁸ Segundo M.I. BODENSTEDT, *op. cit.*, p. 107: “At least half of the chapters are brief sermons in themselves. Parts of them are monotonous and repetitious”. A autora acrescenta que Ludolfo de Saxônia conhecia, como pregador, a importância das repetições.

3. *Fundamento cristológico da Vita Christi*²⁹

“Quanto ao fundamento (como diz o Apóstolo), ninguém pode colocar outro do que foi posto: Jesus Cristo”. Com esta citação de 1Cor 3,11 – que é ao mesmo tempo princípio, fundamento e programa – começa o Prólogo da VC, obra cristocêntrica do princípio ao fim. Nela a vida e a ação de Cristo são apresentadas como o ideal perfeito de toda santidade. Os textos evangélicos citados são comentados e aprofundados com inúmeras citações tiradas da Tradição da Igreja. O fundamento teológico das meditações da VC é resumido por W. Baier nestes termos: “Posto que Jesus, o Verbo feito homem e Filho do Pai, é o espelho e o exemplar de toda santidade, toda a sua vida terrestre é ensinamento, luz, vida e verdade”³⁰. Por isso, para chegar ao esplendor da contemplação de Deus, o cristão tem de seguir esse caminho³¹.

A VC apresenta aos leitores, numa linguagem acessível e cativante, a riqueza da tradição milenar da Igreja sobre a pessoa, a vida e a missão de Jesus Cristo, Revelador e Salvador de todo o gênero humano. Deus não podia realizar seu desígnio de curar e salvar a humanidade de maneira mais proveitosa “do que a própria sabedoria de Deus, isto é, o Filho único, da mesma natureza do Pai e eterno como o Pai, dignar-se assumir a pessoa humana inteira: ‘O Verbo se fez carne e habitou entre nós’ (Jo 1,14)”³².

Porque “o Verbo se fez carne e armou a sua tenda no meio das nossas tendas” (Jo 1,14), todas as palavras e ações de Jesus nos revelam o amor totalmente gratuito e fiel com que Deus nos ama e nos mostram o caminho que devemos percorrer para buscar e encontrar a Deus. “Toda ação de Cristo nos instrui”³³. O Evangelho que Jesus de Nazaré proclamou é a história do Verbo que se fez carne, do Verbo que nos revelou, nas suas palavras e nos seus feitos, o Deus invisível, que nos revelou que o Verbo encarnado é “o caminho, a verdade e a vida”³⁴. Jesus de Nazaré, o Verbo que se fez carne, percorreu os caminhos de nossa terra para nos mostrar o caminho que devemos percorrer para subir ao céu. Em Jesus Cristo o mundo celeste desceu ao nosso mundo terrestre. Com sua vinda, “a morte é destruída, o paraíso é aberto”, “o pecado é retirado, o erro é expulso, a verdade volta de novo”³⁵. “Por ti ele desceu do céu e veio à terra; se tu

²⁹ Cf. W. BAIER, *op. cit.*, pp. 450-457.

³⁰ W. BAIER, *art. cit.*, col. 1136.

³¹ “Ad quam (contemplationem) nemo raptim potest pertingere, nisi proficiendo per istam vitam nostri Redemptoris” (Prólogo, 4).

³² Cf. número 3b da edição Latina e número 38 da edição portuguesa.

³³ VC 4a: “Omnis Christi actio est nostra instructio”.

³⁴ VC 6b: “In ipso autem Evangelio reperies Verbi incarnati historiam, mandata et promissa, in quibus viam, veritatem et vitam”.

³⁵ VC 6a: “Quid igitur unquam ex Evangeliiis aequale fiet? Utique Deus conversatur in terris, homo ascendit in coelum (...). Et erat videre mortem peremptam, paradisum apertum (...) peccatum de medio sublatum, errorem expulsum, veritatem reversam”.

desejas a salvação, foge das coisas terrenas e deseja as celestes seguindo seus passos”³⁶.

A *VC* mostra a unidade entre a criação e a redenção a partir do conceito de “imagem original”, que é Jesus Cristo, o Filho de Deus, segundo a qual o homem foi criado, e do conceito de “deformação” dessa imagem pelo pecado. Pela encarnação do Verbo é restabelecida de novo na pessoa humana a imagem original. Recolhendo de maneira direta e explícita ou indireta e implícita, a riqueza da cristologia e da soteriologia, da protologia e da escatologia patrísticas, o autor da *VC*, usando as palavras “exemplar”, “exemplo”, “forma”, “modelo”, “semelhança”, volta reiteradamente sobre este tema abordando-o nos seus diversos aspectos e mostrando como ele deve se concretizar na vida dos cristãos.

Dessas premissas tira como consequência a necessidade da “imitação” de Cristo³⁷. Se Jesus é a revelação de Deus e o protótipo da verdadeira humanidade, tudo na vida de Jesus é significativo para a vida cristã³⁸. Depois de contemplar as cenas da vida de Jesus Cristo e seu comportamento, devemos pedir a graça de imitá-lo, de agir como ele agiu³⁹. Ninguém, com efeito, pode alcançar a contemplação de Deus se não percorrer os caminhos que Jesus Cristo, nosso Caminho e nossa Luz, percorreu ao longo de sua vida no nosso mundo e na nossa história⁴⁰.

O Prólogo da *VC* descreve em termos gerais o comportamento de Jesus, modelo do comportamento do cristão⁴¹. Quem contemplar o comportamento de Jesus não cairá nos erros do quietismo e das heresias espiritualistas dos gnósticos, que desprezam a matéria e a vida terrena de Jesus. No conhecimento e no seguimento de Cristo temos tudo o que podemos desejar, buscar e encontrar; temos a plenitude da salvação e da sabedoria. Ele

³⁶ *VC* 6b: “Et Domini tui imitare vestigia. Ille propter te de coelesti sede descendit ad terrana; tu propter te fuge terrena, appete coelestia”.

³⁷ *VC* 4a: “In omnibus itaque virtutibus et bonis moribus, semper praeponere tibi illud clarissimum speculum et totius sanctitatis exemplar, scilicet vitam et mores filii Dei Domini nostri Jesu Christi, qui ad hoc de coelo nobis missus est, ut praeiret nos in via virtutum et legem vitae ac disciplinae suo nobis daret exemplo et erudiret nos sicut semetipsum: ut sicut ad imaginem eius naturaliter creati sumus, ita ad morum eius similitudinem per imitationem virtutum pro nostra possibilitate reformemur, qui eius imaginem in nobis per peccatum foedimus”.

³⁸ Ver as referências dadas por W. BAIER, *op. cit.*, p. 452, notas 14-21.

³⁹ Cf. *VC* 4a: “Percurrere ergo singulas quasque aetates Christi, virtutesque eius per singulas et sicut fidelis discipulus pro posse studeas imitare”.

⁴⁰ *VC* 2a: “Haec est vita plana et facilis ad contemplandum creatorem, de qua nullus excusare se potest sicut de contemplatione summae maiestatis, ad quam nemo raptim potest pertingere nisi proficiendo per istam vitam nostri redemptoris” (cf. *VC* 5b).

⁴¹ *VC* 5a-b: “Describens tibi in corde tuo mores eius et actus, quam humiliter se habuit inter homines, quam benignus inter discipulos, quam misericors fuit super pauperes (...), quam sollicitus de animarum salutem (...), qui in omnibus semper optimo et perfectissimo modo se gerebat, qui in omnibus semper optimus et perfectissimus est”.

é o médico que cura nossas feridas, a fonte que sacia nossa sede, a força quando precisamos de ajuda. Ele é Vida na morte, Luz nas trevas, Caminho para o céu, Pão para os famintos⁴². Porque Cristo é a “luz que brilha nas trevas” (Jo 1,5), os que se deixam iluminar interiormente pela sua luz ordenam suas vidas na relação com eles mesmos, com o próximo e com todas as coisas⁴³.

Desse modo concreto e existencial, enfatizando a relação pessoal com Cristo, apresenta Ludolfo de Saxônia a riqueza da contemplação dos mistérios da vida de Jesus. Cada mistério, contemplado na fé, na esperança e no amor, dá a quem o contempla acesso ao mistério da pessoa e da missão de Cristo e ao seu próprio mistério. Para alcançar esse fruto, a pessoa que contempla a vida de Cristo, depois de contemplar devagar cada ponto, depois de saborear sua riqueza, deve – como recomenda Inácio de Loyola – “refletir sobre si mesmo”.

Fazendo essa “reflexão”, a pessoa que contemplou perceberá os “reflexos” da vida de Jesus na sua própria vida e se sentirá movida a tirar as consequências práticas para o nosso modo de pensar e de agir. As palavras e as ações de Jesus Cristo são, com efeito, como diz H. Urs von Balthasar⁴⁴, a revelação na nossa história do amor com que Deus nos ama, do desígnio salvífico do Pai; elas nos mostram o caminho a ser percorrido para viver a vida em plenitude, a vida que desemboca na vida eterna.

A contemplação dos mistérios da vida de Cristo chega ao seu ápice na contemplação dos mistérios de sua morte e de sua ressurreição, pois na ressurreição do Senhor, no Cristo glorioso, foram eternizadas todas as dimensões da vida do Jesus terrestre. K. Rahner fala, nesse sentido, do “significado eterno da vida de Jesus”⁴⁵. A fé pascal inclui crer que as palavras e ações de Jesus nos anos de sua vida terrestre têm um valor e um significado eternos para a nossa relação com Deus e para todas as dimensões de nossa vida.

⁴² VC 4a: “Christi itaque vestigia sequi debemos, quia, ut Ambrosius ait, in agnitionem Christi omnem salutem et sapientiam habemos. Et iterum: Omnia habemus cum Christo et omnia nobis Christus. Si vulnerum curatorem desideras, medicus est; si febribus aestuas, fons est; si indiges auxilio, virtus est...”.

⁴³ VC 5b: “Secundo propter sui illuminationem. Ille enim, cui assistit, lux est in tenebris lucens; cuius lumine illustratus docetur ordinate disponere vitam suam ad Christum et coelestia, ad seipsum ac proximum et terrestria”.

⁴⁴ Cf. H.U. VON BALTHASAR, *Das Ganze im Fragment. Aspekte der Geschichtstheologie*, Einsiedeln: Benziger, 1963, pp. 268-271, 323.

⁴⁵ Cf. K. RAHNER, “Die ewige Bedeutung der Menschheit Jesu für unser Gottesverhältnis”, in ID., *Schriften zur Theologie* III, Einsiedeln: Benziger, 1956, pp. 47-60, e K. RAHNER, “Dogmatische Fragen zur Osterfrömmigkeit”, in ID., *Schriften zur Theologie* IV, Einsiedeln: Benziger, 1960, pp. 157-172, sobretudo as pp. 165 e 169-170; K. RAHNER, *Betrachtungen zum ignatianischen Exerzitienbuch*, München: Kosel, 1965, p. 133.

4. *Difusão e frutos da Vita Christi*⁴⁶

O título completo da *Vita Christi* na edição crítica de 1878, preparada por L. M. Rigollot, é: “Vida de Jesus Cristo cuidadosamente coletada a partir do Evangelho e dos Doutores aprovados pela Igreja Católica”⁴⁷. A extraordinária difusão da *VC* é atestada pelo grande número de manuscritos que, no fim do século XIV e no começo do século XV, se espalharam por toda a Europa, dos quais se conservam pelo menos 150. O livro escrito pelo Cartusiano era especialmente apreciado nos círculos mais sensíveis à necessidade da reforma da Igreja. É significativo que os primeiros manuscritos da *VC* tenham sido copiados ou adquiridos pelos mosteiros com abades reformadores.

Com a invenção da imprensa, a *VC* se espalhou muito mais. Ela foi impressa pela primeira vez, no ano de 1472, em Paris e em Colônia. Em algumas cidades européias foram feitas, nos anos seguintes, oito, dez, até doze novas edições. Não há consenso entre os especialistas a respeito do número exato das edições, mas foi calculado o número de 420 até o fim do século XIX, das quais 88 em latim⁴⁸.

Até o início do século XVI foram feitas traduções completas da *VC* para o holandês, português, catalão, castelhano, francês e italiano. A tradução para o holandês, feita em 1488, teve oito reedições até 1519. Respondendo ao pedido de Dona Isabel, Duquesa de Coimbra, a tradução portuguesa foi feita por Frei Bernardo de Alcobaça, ajudado por outros monges cistercienses. Terminada em 1446, a tradução foi revista por Frei Bernardo e impressa em Lisboa em 1495, a pedido dos reis de Portugal Dom João II e Dona Leonor. *O livro da Vida de Cristo* foi o primeiro livro impresso na língua portuguesa⁴⁹. Levada pelos navegantes portugueses, essa tradução percorreu os mares do mundo, chegando até a Índia⁵⁰. Na mesma época

⁴⁶ Ver o amplo levantamento dos dados sobre este tema feito por W. BAIER, *op. cit.*, pp. 158-164.

⁴⁷ *Vita Jesu Christi ex Evangelio et approbata ab Ecclesia Catholica Doctoribus sedule collecta*.

⁴⁸ H. BOEHMER dá a cifra de 41 edições entre os anos 1470 e 1521; segundo N. PAULUS foram feitas 60 edições do original latino entre 1470 e 1870 (citados por W. BAIER, *op. cit.*, p. 159). Segundo F. MARETO, no verbete “Ludolfo di Sassonia” da *Enciclopedia Cattolica*, vol. 7, col. 1638-1639, a obra teve 88 edições em latim. M. MARTINS, “Ludolfo de Saxônia e a *Vita Christi*”, *Broteria* 70 (1960) 675-682, diz na nota 2 da p. 676 que “foram mais de 420 as edições da *Vita Christi*”.

⁴⁹ Uma edição fac-similar crítica do incunábulo de 1495, cotejado com os apógrafos, foi preparada por Augusto Magne, SJ: LUDOLFO CARTUSIANO, *O livro de Vita Christi em linguagem português*, Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1957. Dos cinco volumes planejados, só foram publicados os dois primeiros.

⁵⁰ “D. Manuel I, nos começos do século XVI, fê-la correr mundo, pelo menos até a Índia” (M. MARTINS, *art. cit.*, p. 676).

(1495-1496) saiu a tradução catalã. A tradução para o castelhano foi feita pelo franciscano Ambrósio de Montesino, a pedido dos Reis Católicos, D. Fernando e D. Isabel. Ela foi impressa por Estanislau Polonês, em Alcalá de Henares, em 1502-1503. Dessa primeira edição eram os quatro volumes “ricamente encadernados” que Íñigo leu durante sua convalescença em Loyola, para onde haviam sido levados por sua cunhada D. Madalena, que os recebera como presente da rainha Isabel quando deixou de ser dama da corte para casar com o irmão mais velho de Inácio de Loyola.

Como se explica que um livro tão grosso, escrito por um cartuxo, tenha exercido tal fascínio sobre pessoas tão diferentes, que viveram em contextos sociais e culturais tão diversos?⁵¹ Apontamos para algumas pistas de resposta. Nunca antes os mistérios da vida de Cristo tinham sido apresentados com tanta riqueza de conteúdo e num estilo tão cativante para a leitura e a meditação dos fiéis. As pessoas que desejavam fazer uma experiência de encontro pessoal com Cristo podiam saciar sua sede lendo e meditando a VC. O livro foi muito usado não só para a leitura privada, mas também para a leitura pública e como subsídio para a pregação.

A VC foi uma das leituras prediletas das pessoas que faziam parte do movimento da *Devotio moderna* e marcou muitos textos que surgiram nesse meio⁵². No livro *A imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, há muitas expressões semelhantes às usadas na obra de Ludolfo de Saxônia⁵³. Segundo W. Baier, numerosos textos do *Rosetum exercitiorum spiritualium* de Jan Mombaer (Johannes Mauburnus, 1460-1501), uma das obras mais importantes da *Devotio moderna* tardia, coincidem quase literalmente com expressões que se encontram no Prólogo da VC⁵⁴.

O Abade de Monserrate García de Cisneros (1455-1510), depois de uma viagem à França, imprimiu na gráfica da Abadia algumas das obras mais características da *Devotio moderna*, da qual se tornou o maior divulgador na Espanha. Foi através de algumas dessas publicações que se deu o primeiro contato de Inácio de Loyola com esse movimento espiritual⁵⁵.

A difusão da VC não ficou limitada aos meios da *Devotio moderna*. Ela foi também muito estimada em outros círculos espirituais dos séculos XV-

⁵¹ A influência da obra do Cartusiano, tanto sobre os autores posteriores como nos diversos espaços geográficos e culturais, é analisada por W. BAIER, *op. cit.*, pp. 165-191.

⁵² Ver a documentação sobre este ponto recolhida por W. BAIER, *op. cit.*, pp. 167-168.

⁵³ Ver as expressões indicadas por M.I. BODENSTEDT, *op. cit.*, p. 57, nota 22.

⁵⁴ Cf. W. BAIER, *op. cit.*, p. 168. E logo depois afirma: „Mit ihnen baut Mauburnus seine Betrachtungsmethode auf, die bei J. de Cisneros und Ignatius v. Loyola in Abwandlung wiederkehrt“.

⁵⁵ Cf. G.M. COLUMBÁS, “García Jiménez de Cisneros”, *LThK* II, p. 1208; X. MELLONI, *Los Ejercicios espirituales, un eslabón en la tradición de Occidente* (EIDES, 23), Barcelona, 1998.

XVI. Na Itália influenciou os sermões e os comentários sobre as epístolas e os evangelhos do ano litúrgico do pregador franciscano Bernardino de Siena (1380-1444), grande divulgador do amor ao nome de Jesus. Influenciou também Madalena de Pazzi (+1607) e o fundador dos Redentoristas Alfonso Maria de Ligório (+1787).

Na França foram feitas numerosas edições do original latino da VC e das traduções ao longo dos séculos XVI-XVII. A VC influenciou também pessoas que foram muito importantes na história da espiritualidade, como o Chanceler da Universidade de Paris Jean Gerson e o Cardeal Pierre de Bérulle (1575-1629), fundador do Oratório, cuja espiritualidade se caracteriza pela devoção ao Verbo feito carne. O bispo de Genebra, Francisco de Sales (1567-1622), além de recomendar a leitura da VC na sua famosa obra *Introdução à Vida Devota*, aconselha a Joana Francisca de Chantal, numa carta de 21 de novembro de 1604, que leia todos os dias, durante meia hora, a *Vida de Cristo* do Cartusiano. Por meio de Francisco de Sales, a VC teve uma notável influência sobre J.-J. Olier (1608-1657), fundador da comunidade sacerdotal de São Sulpício, cujo método de contemplação é resumido por L. Bouyer nesta fórmula: “Jesus diante dos olhos, Jesus no coração, Jesus na mão”⁵⁶.

Na Espanha, a VC influenciou autores contemporâneos de Ludolfo de Saxônia, como São Vicente Ferrer (1350-1410) e o cartuxo Juan de Padilla (1468-1520), que, inspirado na VC, compôs, por volta de 1500, uma *Vida de Cristo em versos*⁵⁷. Na primeira metade do século XVI foram impressas na Espanha cinco edições da VC. Além da influência decisiva que teve na conversão de Inácio de Loyola⁵⁸, o livro do Cartusiano influenciou outros protagonistas do movimento de renovação espiritual da Espanha no século XVI.

Um desses protagonistas foi a grande mística Teresa de Ávila (1515-1582), que teve acesso a uma vida espiritual mais profunda por meio do *Abecedario espiritual* do franciscano Francisco de Osuna (ca. 1492-1540), o qual também havia sido influenciado pela VC. Teresa conta no livro de sua vida que leu o livro do Cartusiano⁵⁹. E o leu na mesma tradução de Ambrósio de Montesino e na mesma edição, feita em Alcalá em 1502-1503, que tinha lido Inácio de Loyola. A leitura da VC foi para Teresa de Ávila,

⁵⁶ Citado por W. BAIER, *op. cit.*, p. 189, nota 10.

⁵⁷ *Retablo de la vida de Christo fecho en metro*. A última edição desta obra foi feita em Madrid, no ano de 1912.

⁵⁸ No início de seu estudo sobre a influência da VC, W. Baier diz que “será dada uma atenção especial a Santo Inácio de Loyola” (p. 167); e, no fim, dedica a Inácio o maior número de páginas: 172-186.

⁵⁹ “Estava un día vispera del Espiritu Santo; después de misa, fuime a una parte bien apartada – adonde yo rezava muchas veces – y comencé a leer en un ‘Cartujano’ esta fiesta” (*Libro de la vida*, 38,9).

como tinha sido para Inácio de Loyola, a principal fonte de conhecimento dos evangelhos de Jesus e do Jesus dos evangelhos. As Constituições da Ordem das Carmelitas, escritas por Teresa de Ávila, dizem que a Priora deve estar atenta para que entre os livros de leitura espiritual dos conventos se encontre o Cartusiano⁶⁰. São João da Cruz (1542-1591), companheiro de Santa Teresa na reforma do Carmelo e Orientador espiritual do Carmelo de Ávila de 1572 a 1577, quando Teresa era Priora, leu também o Cartusiano. Foram, no entanto, os Padres da Companhia de Jesus, sobretudo o Padre Juan de Prádanos, os que ajudaram Teresa, na orientação espiritual, a descobrir a importância da contemplação da vida de Jesus – e, mais particularmente, a importância de sua humanidade – para fazer a experiência do encontro com Deus na oração⁶¹.

A VC teve tantos leitores porque seu conteúdo e seu estilo respondiam às necessidades, aos desejos e às buscas da época. Ora, responder às necessidades e aos desejos dos cristãos de seu tempo era o que pretendia o autor da VC. Para alcançar esse objetivo, ele oferece aos leitores, numa linguagem acessível, a imensa riqueza dos mistérios da vida de Cristo conservada e transmitida pela Igreja. A piedade medieval, sobretudo depois de S. Bernardo, dava muita importância às emoções e aos afetos na relação com Deus. Essa dimensão afetiva explica também o apreço dos leitores da época pelas *Meditationes Vitae Christi* do pseudo-Boaventura e pela *Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis, obras que, como a VC, continuaram a ser lidas e apreciadas depois da morte de seus autores.

No contexto que acabamos de descrever deve ser interpretado o parecer sobre a VC dado por H. Boehmer: “A meu ver, nenhum livro de piedade de origem alemã foi tão difundido e amado no país e no exterior, na Idade Média tardia, como a *Vita Christi*. Nenhum outro livro foi tão ‘espiritualmente exercitado’, usando uma expressão em voga depois do séc. XIII”⁶². Na mesma linha escreve O. Karrer: “Nenhum outro livro piedoso teve tanta difusão na Idade Média como a *Vida de Cristo* do cartuxo Ludolfo de Saxônia; nem mesmo o *Livrinho da sabedoria* de Henrique Suso ou a *Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis. O que não é de admirar, pois a piedade do coração, no estilo de Agostinho e de Bernardo, que perpassa as meditações de Ludolfo, é geralmente muito mais compreensível que o estilo, sem imagens, da filosofia do ser de Eckhart”⁶³.

⁶⁰ “Tenga cuenta la Priora con que haya buenos libros, en especial *Cartujanos*, *Flos Sanctorum*, *Contemptus Mundi*, *Oratorio de los Religiosos*, los de Fray Luis de Granada, y del Padre Fray Pedro de Alcántara, porque es en parte tan necesario este mantenimiento para el alma, como el comer para el cuerpo” (*Constituciones* 1,13).

⁶¹ Cf. *Libro de la vida*, capítulo 22, especialmente o n. 6, e capítulo 24, n. 3. Sobre a relação de Santa Teresa com os Padres da Companhia de Jesus, cf. livro 23, nn. 3, 9, 14-18 e cap. 24, nn. 4-10; *Moradas* 6, 7 n. 5, 14 etc.

⁶² Citado por W. BAIER, *op. cit.*, p. 190, nota 13.

⁶³ Citado por W. BAIER, *op. cit.*, p. 191.

Encerramos este item com uma citação nesta mesma linha. Com ela encerra W. Baier o primeiro volume do seu estudo sobre a *Vita Christi*⁶⁴: “Essa finalidade prática e ascética, assim como um estilo acessível e fácil de compreender, explicam a fama e a difusão da obra. Ela abria às almas desejosas de cultivar sua interioridade um acesso fácil aos Evangelhos, oferecia aos pregadores uma série de temas variados, explicava o que é a oração e ensinava que a imitação de Cristo é a fonte de toda perfeição cristã. O tratado do Cartusiano, que exerceu sobre a piedade cristã uma influência comparável à do livro da *Imitação de Cristo*, teria merecido, mais do que esta, ser a portadora desse título”.

5. A Vita Christi e os Exercícios Espirituais

Semelhanças e diferenças

Na mesma época em que Lutero contrapõe o Evangelho à tradição eclesial, Inácio descobre o Jesus dos Evangelhos transmitidos pela Tradição da Igreja lendo a VC de Ludolfo de Saxônia. Convertido pela leitura orante do livro do Cartusiano, Inácio de Loyola escreveu o pequeno livro dos *Exercícios Espirituais* para que outras pessoas pudessem fazer uma experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo análoga à que ele tinha feito. Porque o conteúdo dos dois livros responde aos anseios mais profundos da pessoa humana, ambos tiveram uma grande difusão e uma influência decisiva nas vidas das pessoas que leram o primeiro e das pessoas que fizeram os exercícios espirituais de oração propostos no segundo. Se as edições da VC até o fim do século XIX foram mais de quatrocentas, as do livro dos *Exercícios Espirituais* foram, até hoje, mais de cinco mil. Tendo esses dados como pano de fundo, comentamos neste último item algumas das semelhanças e diferenças dos dois livros e dos contextos em que viveram seus autores⁶⁵.

Ludolfo de Saxônia, monge cartuxo, viveu toda sua vida no mundo cristão da Europa central, sem ter saído nunca dos limites do Sacro Império Romano-germânico. Ele foi um homem eurocêntrico. O mundo em que Inácio de Loyola nasceu e viveu dois séculos depois foi um mundo em expansão. Cristóvão Colombo chegou ao Novo Mundo um ano depois de nascimento de Inácio. Ao longo da vida de Inácio, os domínios de Espanha e Portugal

⁶⁴ J. LECLERCQ / F. VANDERBOUCKE (orgs.), *La Spiritualité du Moyen Age*, Paris: Aubier, 1961, pp. 547s.

⁶⁵ Cf. P. SHORE, “The *Vita Christi* of Ludolph of Saxony and Its Influence on the *Spiritual Exercises* of Ignatius of Loyola”, *Studies on the Spirituality of Jesuits* 30 (1998/1) 1-32, especialmente, 1-5.

se expandiram pela América, pela África, pela Ásia e pela Oceania, chegando até o Extremo Oriente. Um irmão de Inácio morreu na América, outro em Nápoles, um terceiro nos Países Baixos. O fundador da Companhia de Jesus teve como um dos traços característicos de sua personalidade “o sentido da aventura e da inovação característico da Alta Renascença”⁶⁶. Depois da fundação da Companhia, Inácio de Loyola escreveu milhares de cartas dirigidas a seus companheiros jesuítas e a outros destinatários, que viviam e trabalhavam nos cinco continentes anunciando, com a pregação e com o testemunho de suas vidas, o Evangelho de Jesus Cristo.

Ludolfo de Saxônia viveu numa sociedade tradicional, com fortes laços comunitários e rituais públicos. Na época em que viveu Inácio de Loyola começou a se desenvolver o processo de separação entre a vida pública e a vida privada. Porque os contextos sociais, políticos, culturais e religiosos em que eles viveram foram muito diferentes, o imaginário social que povoou a mente e o coração dos dois foi também muito diferente, assim como foram diferentes as experiências das pessoas que leram o livro da *Vida de Cristo* e as das pessoas que fizeram os *Exercícios Espirituais*.

A finalidade dos dois livros é a mesma: fazer a experiência de encontro pessoal com Deus, com o Deus novo que nos foi revelado na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, com o Deus cujo amor primeiro e sempre fiel continua a nos ser oferecido. Mas o itinerário, os caminhos a serem percorridos, os métodos a serem usados para fazer essa experiência de encontro com Deus, para experimentar o seu amor, são diferentes.

Apesar dessas diferenças, há nos dois autores semelhanças significativas. Acenamos a três delas: 1ª) Os dois fizeram a *experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo*, que é sempre pessoal e singular. Essa experiência não diminuiu, antes aprofundou, nos leitores da *VC* e nos que fizeram os *Exercícios Espirituais* a fidelidade à Igreja da época, cujas estruturas sacramentais e hierárquicas nem sempre eram exemplares; 2ª) Os dois autores praticaram e ensinaram a praticar a *oração pessoal* como meio para fazer essa experiência do encontro pessoal com Deus; 3ª) Cada um à sua maneira, os dois autores deram grande importância à *comunicação a outras pessoas da experiência de Deus feita por eles*.

O livro de Ludolfo de Saxônia apresenta ao leitor, ao longo de 181 capítulos, os dados então acessíveis sobre os mistérios da vida de Cristo, convidando o leitor orante a traduzir na vida diária a mensagem dessas passagens evangélicas. O livrinho dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola é um pequeno manual de exercícios de oração que devem ser feitos praticando um método, que é muito exigente, mas é também muito flexível.

⁶⁶ *Ibid.*, 3.

Nos *Exercícios Espirituais* os mistérios da vida de Cristo são apresentados na forma de um itinerário que deve ser percorrido pelo exercitante para alcançar “o fim que se pretende”. Para alcançar esse fim, o exercitante deve pedir no início de todas as contemplações dos mistérios da vida de Cristo a graça do “conhecimento interno do Senhor para mais amá-lo e segui-lo” [104]. Percorrendo o itinerário proposto, a pessoa que faz os *Exercícios Espirituais* alcançará a graça de “em tudo amar e servir à sua divina Majestade” [233].

Álvaro Barreiro Luaña, SJ, é mestre (1968) em teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade de Innsbruck (Áustria) e doutor (1973) em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Publicou mais de uma dezena de livros pelas Edições Loyola. O título do último é: *Os trinta anos de Jesus em Nazaré. Escândalo inaceitável ou realismo da Encarnação?* O título do penúltimo, publicado pela Editora Paulinas é: *Vimos a sua glória. Como Jesus vê e olha e como é visto e olhado no evangelho de João*.

Endereço: Vila Kostka
Rod. José Boldrini, 170 (Itaici)
13.341-700 Indaiatuba – SP
e-mail: alvarobarreiro@vilakostkaitaici.org.br